



Por que Zenos deu tantos detalhes sobre o cultivo de boas oliveiras?

“Tira os ramos da oliveira brava e enxerta-os [...] E aconteceu que o servo do Senhor da vinha agiu de acordo com a palavra do Senhor da vinha e enxertou os ramos da oliveira brava.”

Jacó 5:9–10

O conhecimento

A Alegoria das Oliveiras (Jacó 5) é um dos capítulos mais famosos de todas as escrituras da Restauração. Essa fábula profética produz uma rica colheita para leitores cuidadosos

que examinam seu significado. Leitores de todas as classes sociais consideram seu simbolismo significativo e edificante; entretanto, alguns podem se perguntar se a história retrata com precisão as práticas e realidades científicas associadas ao cultivo de azeitonas no Mediterrâneo e o que esses detalhes podem simbolizar.

Wilford M. Hess, professor de botânica (o estudo científico das plantas) na BYU, descobriu que, descobriu que, embora houvesse alguns detalhes incomuns, de várias maneiras a alegoria era consistente com os princípios botânicos estabelecidos para o cultivo de azeitonas.¹ Mais tarde, Hess se uniu a outros pesquisadores para explorar ainda mais os aspectos botânicos dessa extensa parábola.² A pesquisa original de Hess foi bastante ampliada, pois os pesquisadores conseguiram responder a 56 perguntas sobre a alegoria e a olivicultura.³



Concluíram que, "quase toda a alegoria em Jacó 5 corresponde excepcionalmente bem aos princípios botânicos e às práticas agrícolas antigas e modernas". Como tal, "é difícil imaginar que seu autor não estivesse pessoalmente familiarizado com os detalhes e práticas minuciosas envolvidas no cultivo de boas oliveiras em um clima mediterrâneo".⁴

Isso é significativo, pois, de acordo com Hess, "Joseph Smith provavelmente tinha pouco conhecimento sobre oliveiras em Nova York, já que elas não crescem no nordeste dos Estados Unidos".⁵ Embora houvesse algumas informações disponíveis na Bíblia e em outros livros da época de Joseph Smith, os detalhes eram escassos.⁶

Por exemplo, a parte central da alegoria, é a *enxertia*, uma técnica de propagação vegetativa que envolve tirar ramos de uma árvore e inseri-los em outra. Hess explica: "a oliveira está entre as árvores mais fáceis de propagar e é enxertada

com muita facilidade. Esse princípio ainda é amplamente utilizado atualmente".⁷



Jacó 5 descreve uma variedade de cenários diferentes da enxertia. O ponto crucial da alegoria é o enxerto dos ramos de uma oliveira selvagem nas raízes da árvore que era "mansa", mas em deterioração, na esperança de reviver a árvore favorita do Mestre (Jacó 5:7-10, 17, 34). Hess e seus colaboradores incluíram isso como uma das três práticas mais incomuns descritas na história de Zenos.⁸ No entanto, isso não é impossível e nem sem precedentes. Eles explicaram:

Embora fosse incomum para um olivicultor enxertar ramos silvestres em uma árvore cultivada, há circunstâncias em que isso faria sentido. Para conferir mais força e resistência a doenças, certas espécies selvagens são enxertadas em uma árvore cultivada, o que pode fortalecer e revitalizar uma planta debilitada.⁹

A este respeito, considere as palavras do servo em Jacó 5:34: "Olha, por teres enxertado ramos da oliveira brava, eles nutriram as raízes, de modo que estão vivas e não morreram;

vês, portanto, que ainda estão boas" e, conseqüentemente, o mestre pôde ver que a árvore era "boa".

Significativamente, muitos outros elementos da alegoria também se baseiam em um entendimento da realidade da delicada tarefa de cultivar, por muitos anos e gerações, colheitas valiosas de azeitonas de alta qualidade. Esses elementos incluem transplantar ramos tenros, equilibrar o crescimento dos ramos com as raízes, nutrir, cavar, queimar podas e ervas daninhas, prevenir a decomposição e murcha e trabalhar em equipes durante a época da colheita.¹⁰

O porquê



As alegorias são histórias poderosas, úteis para o ensino porque tornam conceitos elevados ou complicados, relacionáveis e compreensíveis. Em seu contexto original, a alegoria de Zenos ressoou com seu público israelita porque

eles estavam familiarizados e tinham experiência no cultivo de oliveiras.¹¹ O público de Jacó provavelmente não saberiam tanto sobre o cultivo de oliveiras, com crescimento lento e sensíveis ao clima, mas teria se identificado com a alegoria porque se via como um ramo da casa de Israel, separado da árvore-mãe e colocado em um canto distante da vinha (Jacó 5:14).

Mesmo sem entender todas as nuances da botânica e do cultivo de oliveiras, os leitores atuais podem aprender muito com a alegoria de Zenos e a aplicação que Jacó fez dela em seus próprios ensinamentos. Ainda assim, entender os princípios técnicos da botânica e de boas práticas agrícolas podem aprofundar a conscientização e a apreciação dos ensinamentos precisos do Evangelho integrados nessa extensa metáfora.

Por exemplo, saber que era muito incomum enxertar ramos silvestres em uma árvore cultivada ensina sobre o alcance e o esforço que o Senhor faz para recuperar Seus filhos perdidos. Hess e co-autores explicam:



A alegoria de Zenos retrata o Senhor da vinha como um tanto exasperado, tratando todas as opções disponíveis para reviver sua amada velha árvore, incluindo a extraordinária medida de experimentar para ver se algo de bom poderia advir do enxerto de ramos silvestres em ramos da árvore cultivada. Embora essa tenha sido uma medida pouco convencional, talvez até desesperada, o Senhor não poupará esforços para recuperar o fruto desejado de Sua planta escolhida.¹²

Assim como o Senhor da vinha tentou de *tudo* para recuperar sua árvore favorita, o Pai Celestial fará tudo o que puder para recuperar seus filhos perdidos, até mesmo recorrer a métodos

não convencionais, desesperados e talvez contra-intuitivos, na esperança de implantar Seu amor em seus corações, esperando que possa criar raízes.

Leitura Complementar

John W. Welch e J. Gregory Welch, *Charting the Book of Mormon: Visual Aids for Personal Study and Teaching* (Provo, UT: FARMS, 1999), gráficos 81, 82, 83 e 95.

Wilford M. Hess, Daniel J. Fairbanks, John W. Welch e Jonathan K. Diggs, "Botanical Aspects of Olive Culture Relevant to Jacob 5", em *The Allegory of the Olive Tree: The Olive, the Bible, and Jacob 5*, ed. Stephen D. Ricks e John W. Welch (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1994), pp. 484–562.

Wilford M. Hess, "Botanical Comparisons in the Allegory of the Olive Tree", em *Jacob through Words of Mormon, To Learn with Joy*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr., (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1990), pp. 87–102.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Wilford M. Hess, "Botanical Comparisons in the Allegory of the Olive Tree", em *Jacob through Words of Mormon, To Learn with Joy*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr., (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1990), pp. 87-102; esp. 92-94.

2. Wilford M. Hess, Daniel J. Fairbanks, John W. Welch, e Jonathan K. Diggs, "Botanical Aspects of Olive Culture Relevant to Jacob 5", em *The Allegory of the Olive Tree: The Olive, the Bible, and Jacob 5*, ed. Stephen D. Ricks e John W. Welch (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1994), pp. 484–562.

3. Hess, et al., "Botanical Aspects", pp. 508–552.

4. Hess, et al., "Botanical Aspects", p. 505.

5. Hess, "Botanical Comparisons", p. 91

6. Hess, et al., "Botanical Aspects", pp. 554–555.

7. Hess, "Botanical Comparisons", p. 93.

8. Hess, et al., "Botanical Aspects", p. 507.

9. Hess, et al., "Botanical Aspects", p. 507. Mais adiante no artigo, eles escreveram: "Embora seja incomum enxertar ramos de uma oliveira selvagem em árvores cultivadas para salvar as raízes, pode haver casos em que os ramos selvagens são mais vigorosos do que os ramos cultivados ou domesticados e, portanto, pode ser benéfico. White sugere que os enxertos da oliveira selvagem podem ajudar a ressuscitar uma árvore que esteja se deteriorando. Possivelmente, poderiam fornecer produtos de carbono da fotossíntese mais rapidamente para auxiliar as raízes, devido ao seu vigor. Sem os compostos de carbono produzidos na parte acima do nível do solo, as raízes perecerão. Se uma cultivar em forte crescimento for enxertada em um porta-enxerto fraco, seu crescimento será estimulado e se tornará maior do que se não fosse enxertada. Outra possibilidade é que a folhagem da árvore-mãe poderia estar infectada por insetos, vírus, fungos, bactérias ou outros parasitas, e os ramos "selvagens" seriam usados porque eram resistentes a organismos causadores de doenças. Essa possibilidade é reforçada pelo fato de que Jacó 5:9 diz que os ramos velhos deveriam ser "lança[dos] no fogo", procedimento que faz sentido, especialmente se os ramos estivessem infestados" (pp. 535–537).

10. Ver Hess, et al., "Botanical Aspects", pp. 484–562.

11. Ver Hess, et al., "Botanical Aspects", pp. 487–496 para uma discussão sobre a história do cultivo de oliveiras em todo o antigo Oriente Próximo, incluindo Israel.

12. Hess, et al., "Botanical Aspects", p. 507.